

Resumo: Pela mobilização de determinadas noções da complexa cartografia conceitual de Deleuze e Guattari, tais como *nomadismo*, *desterritorialização*, *reterritorialização* e *devenir*, pretende-se, neste artigo, pensar territórios juvenis na contemporaneidade, principalmente, levando-se em conta a conformação de determinadas práticas inventivas, cujas produções têm como central a população jovem, tanto em sua forma individual, como em formas grupais ou coletivas. O entendimento das atitudes juvenis tem como cenário de fundo, a atual sociedade capitalista, em seu momento de abalo profundo e de confrontação ao *impossível* (“vias sem saída”); contudo, a partir dessa confrontação, germinam possibilidades de entrever filões de inventividade social. Invoca-se o conceito de nomadismo de Deleuze e Guattari para tecer hipóteses sobre o modo possível de agir inventivo, privilegiando a reconexão da vida, arte e política; estas se encontram também, ao nível de sua definição social instituída, sob o crivo de questionamentos no momento atual. Nessa perspectiva teórica, o nomadismo é, antes de tudo, um modo de pensamento e de agir por deslocamentos em *linhas de fuga* e pela descodificação em direção à reinvenção de um *novo corpo*.

Palavras-chave: nomadismo juvenil; Deleuze-Guattari; inventividade social; desterritorialização e reterritorialização.

Abstract: By the mobilization of some notions of the complex conceptual cartography of Deleuze and Guattari, such as *nomadism*, *detrterritorialization*, *re-territorialization* and *becoming*, it is intended, in this article, to think juvenile territories in contemporaneity, especially, taking into account the conformation of

¹ Este artigo resulta de uma comunicação realizada no *Seminário Juventudes Contemporâneas: Rupturas, permanências e inventividades*, 09 e 10 de agosto de 2012, UFAL, Maceió/AL. Mesa redonda – Nomadismos juvenis contemporâneos: Corpo, territórios e sociabilidades. Participantes: Norma Takeuti (UFRN); João Batista Bittencourt (UFAL); Fátima Cecchetto (FIOCRUZ/RJ).

² Professora-pesquisadora em Ciências Sociais/UFRN (graduação e pós-graduação). Doutorado em Estruturas e Mudanças Humanas pela Universidade Paris 9-Dauphine. Pós-Doutorado na U.F.R. em Ciências Sociais da Universidade de Paris 7 – Denis-Diderot. Membro do Comitê de Pesquisa Sociologia Clínica (RC46) na Associação Internacional de Sociologia (I.S.A.). Coordenadora do grupo de Estudos Cultura e Subjetividades-Poiesis/UFRN.

certain inventive practices, whose productions has as center the young population, both in its individual forms, and in group or collective forms. The understanding of the juvenile attitudes have as background the current capitalist society in its moment of profound shock and confrontation against *impossible* ("dead ends"); nevertheless, possibilities of glimpse lodes of social inventiveness are germinated from this confrontation. This analysis takes the concept of nomadism from Deleuze and Guattari to weave hypothesis about the possible mode of invective action, favoring the reconnection of life, art and politics; those find themselves, at the level of its instituted social definition, under the scrutiny of questions in the actual moment. In this theoretical perspective, the nomadism is, above all, a mode of think and act by moves in *lines of flight* and by the nonencoding towards the re-invention of a *new body*.

Key words: juvenile nomadism; Deleuze-Guattari; social inventiveness; deterritorialization and re-territorialization.

*Nomadismo, desterritorialização, reterritorialização e devir*³ são algumas das noções da complexa cartografia conceitual de Deleuze & Guattari, em seus cinco volumes da obra *Mil Platôs* (1980 em sua edição original na língua francesa); elas podem ser reivindicadas enquanto poderosas ferramentas conceituais para refletir sobre *territórios juvenis* contemporâneos, principalmente se levarmos em conta a conformação de determinadas práticas inventivas juvenis, grupais ou coletivas, na contemporaneidade.

De imediato, precisemos que o universo juvenil é amplo e heterogêneo demais para ser pensado como uma totalidade unívoca. Aí se manifestam formas diversas de atitudes, condutas e expressões, que tanto desvelam práticas reprodutoras de *status quo* dominantes, quanto revelam tentativas inventivas de novas maneiras de lidar com um mundo percebido como demasiadamente destrutivo das formas de vida em geral. Porém, mais do que ver um campo dividido entre jovens "conformistas" e "insurgentes", podemos pensar em *multiplicidade*⁴, em toda sua *diferenciação, mobilidade e liberdade* (esses três termos compõem a análise de Foucault em termos de poder e resistência⁵). Isto quer dizer

³ Essas noções, bem como outras que estão a essas estreitamente relacionadas, irão sendo retomadas e esclarecidas ao longo do texto.

⁴ Noção inscrita na cartografia conceitual de Deleuze: na multiplicidade, cada elemento está incessantemente em variação e nela estão consideradas *linhas de fuga ou de desterritorializações, devir-lobo, devir-inumano, intensidades desterritorializadas*. (DELEUZE, 1995, v. 1, p. 46).

⁵ Tomamos diversos textos dos anos 1980. Ver particularmente, o texto *O sujeito e o poder*, publicado em 1982 na obra organizada por Dreyfus&Rabinow (2010).

que a heterogeneidade que caracteriza esse mundo juvenil apresenta diversas facetas coexistindo num mesmo corpo onde podem se manifestar tanto atitudes de repetição cotidianas não-inventivas, quanto atitudes sincopadas por estalos de inventividade. Estamos situados numa perspectiva em que a sociedade é vista como composta de uma multiplicidade de seres, uma *multidão*, que: se, por um lado, estampa vulnerabilidade em sua existência, ela pode, por outro, dar mostras de sua plasticidade e fazer emergir a *potência de vida* (sempre presente no plano da virtualidade). Potência esta que se encontra num mesmo plano da vida e da sociedade onde há outros domínios de forças (por exemplo, o poder biopolítico, tal qual Michel Foucault empenhou-se a pesquisar⁶).

Para o nosso foco de discussão, os territórios juvenis são pensados como uma multiplicidade de espaços onde são: postas em prática ações e estratégias para a produção de bens materiais e imateriais (de natureza artística, cultural, científica, tecnológica ou econômica); produzidos discursos, informações e conhecimentos, bem como experimentações grupais ou coletivas diversificadas principalmente mobilizando repertórios do universo da arte e cultura, com fins lúdico, político ou econômico. Atualmente, em decorrência do avanço tecnológico em informação e comunicação, há maior visibilidade de variadas experimentações sendo tentadas principalmente nesses territórios juvenis. No plano da visibilidade e disseminação, umas logram e outras não, isto é, umas e outras experimentações emergem e desaparecem instantaneamente sem deixar traços, mas há aquelas que revelam um *algo*, uma *força de afetação* num ampliado espaço-tempo. Na perspectiva micropolítica, o que importa é menos levar em conta o malogro e mais focar as tentativas existentes para fazer emergir um *novo*, bem como importa mais a ideia que subjaz nesses ensaios juvenis que se revelam desde a forma individual, passando pela forma grupal até à coletiva. Essa ideia subjacente foi, por nós, reelaborada, a partir de Deleuze e Guattari, tomando em conta acontecimentos da atualidade: as manifestações recentes (2011, 2012), em várias partes do mundo que

⁶ Interessante conferir, no site do coletivo Associação multitudes (<http://multitudes.samizdat.net/>), o dossiê *Pouvoir et résistance* (ALLIEZ et AL., 2000) onde autores como A. Negri, M. Hardt, M. Lazzarato, B. Latour, G. Agamben, entre outros, discutem a biopolítica a partir da problemática lançada por Foucault: *poder e subjetivação como duas faces de um mesmo processo*. Na abertura do dossiê, os organizadores retomam a tese de Foucault que é, para nós, uma referência importante: *Si la vie est devenue non ce que le pouvoir réprime, mais ce qu'il prend en charge et actualise pour y forger son propre levier, il faut dire que les sujets occupent dans ce dispositif une place foncièrement ambivalente: celle de point d'application et de source, de champ d'effectuation et de puissance causale.* / Se a vida se tornou não aquilo que o poder reprime, mas aquilo do qual ele se incumbe e atualiza para forjar sua própria alavanca, é preciso dizer que os sujeitos ocupam nesse dispositivo um lugar inteiramente ambivalente: de um lado, o de ponto de aplicação e de fonte do poder e, de outro, o de campo de efetuação e de potência causal. (nossa tradução)

mobilizaram em grande parte populações jovens, indicam o sentimento generalizado de vazio diante do esgotamento dos “possíveis existentes” no sistema vigente; indicam um “basta!” em se continuar na pura lógica de aceitação de bens e valores ofertados numa sociedade em crise economicamente (desempregos, endividamentos não só das grandes corporações, mas de cidadãos comuns ameaçados em relação ao trabalho, à moradia, à assistência à saúde) e na qual muitas de suas instituições democráticas estão sendo questionadas. Na coletânea conhecida como *Occupy* (2012), S. Zizek comenta que *a razão de os manifestantes saírem às ruas é que estão fartos de um mundo onde reciclar latinhas de Coca-Cola, dar alguns dólares para a caridade ou comprar cappuccino da Starbucks com 1% da renda revertida para os problemas do Terceiro Mundo é o suficiente para se sentir bem*. Indicam um desejo de pensar diferentemente para poder reinventar a vida social. Ora, para Deleuze e Guattari, a criação está menos em função dos “possíveis existentes” que para o “impossível”. Quando eles mobilizam as noções de *minoridade social, menor (literatura menor, em sua referência a Kafka⁷)*, explicitam que é quando se confronta ao “impossível” que a possibilidade de criação desponta.

Assim, temos em vista, de um lado, os acontecimentos (protestos em ampla escala) que estiveram na agenda em 2011 e 2012: da Tunísia, Egito e outros países do Oriente Médio; as mobilizações da *geração rasca* em Portugal, dos *indignados* da Puerta Del Sol na Espanha e da Praça Syntagma na Grécia e outros países da Europa (onde os protestos e acampamentos não se restringiram às capitais); bem como o alastramento e intensificações que resultaram no *Occupy Wall Street* nos USA (não só em Nova Iorque) e em outras partes do mundo. Inclusive, em várias partes do Brasil (*Primaveras* ou *Ocupas* brasileiros⁸). Tais mobilizações convocaram, em grande parte, jovens insatisfeitos e descontentes que acham que devem se movimentar de algum modo para, ao menos, dizer um basta ao estado geral do mundo atual⁹. De outro, temos como alvo determinadas manifestações em platôs

⁷ Por uma literatura menor (DELEUZE & GUATTARI, 1978).

⁸ L. Dowbor e R. Abramovay *abrem*, em São Paulo, série de encontros sobre crises civilizatórias e suas saídas. Conferir: *Primaveras: diálogos para outra democracia*. In: <http://www.outraspalavras.net/2012/10/24/primaveras-para-que-outra-democracia-continue-a-despontar/>

⁹ *Occupy*, uma coletânea lançada pela Boitempo Editorial, em 2012, traz pontos de vista de alguns pensadores sobre esses movimentos que eclodiram a partir de 2011, em várias partes do mundo. Complete-se essa série de artigos com *Occupy The Future* de Chomsky (2011), bem como com a obra de Zizek (2012). Entrevistas e postagens assíduas em blogs que tantos mais estudiosos da atualidade (I. Wallerstein, M. Castells, E. Sade, L. Dowbor, entre outros) empreendem são um considerável material que, em meio a toda polêmica existente, fornece elementos para se pensar que algo insidioso se passa na atualidade de modo a afetar o rumo do atual sistema capitalista nas próximas décadas.

invisíveis, não em ampla escala como a dos movimentos acima citados, e que se reverberam no cotidiano da vida do jovem que está buscando uma inserção profissional ou da do jovem que está integrado de alguma forma no mundo de trabalho, mas que busca outras conexões com a vida que não se resume ao mundo do trabalho e da família, ao menos no seu sentido convencional. Como título indicativo, Almeida & Pais (2012, p. 8) lançaram uma coletânea com o propósito de *contribuir para o exame de novas percepções a respeito do conceito de criação na sociedade contemporânea*. Encontramos aí olhares atentos que incidem sobre os *processos de profissionalização jovem e [sobre as] surpreendentes manifestações subjetivas encontradas nas formas como lidam, ressignificam e rematerializam seus cotidianos*.

Esse amplo espectro das atuais formas juvenis e suas dinâmicas é, por nós, pensado, a partir de Deleuze (1991), em termos de *dobra*. Pensamos que esse tecido social juvenil possui tantas dobras quanto tantas figuras, coisas e qualidades – realizando-se nos fluxos (sociais, políticos, culturais e econômicos) – que se refletem e se atualizam nos sujeitos jovens.

Um rápido parêntese para esclarecer esse conceito, aliás, em nada fácil de empregar diretamente: da filosofia política, da ciência da matéria, do orgânico e inorgânico foram subtraídos elementos para nos fazer pensar que, finalmente, o mundo dos indivíduos (espécie humana), como também o mundo físico e social não estão reduzidos ao dobrar e ser dobrado (dominar e ser dominado)¹⁰. Dialética da dominação posta em questionamento, conquanto prevaleça aí a ideia de um mundo aplainado em partes separadas de tal modo que desvanecem as curvaturas e suas dobras. Como só enxergar um mundo plaino com corpos separados? Ora, o próprio organismo é definido, segundo Deleuze (1991, p.22), *pela sua capacidade de dobrar suas próprias partes ao infinito e de desdobrá-las não ao infinito, mas até o grau de desenvolvimento consignado à sua espécie*. Nessa mesma obra, Deleuze (1991, pp. 17-18) apela para a própria explicação de *Leibniz* para reforçar o seu argumento sobre a inseparabilidade dos corpos:

“Um corpo flexível ou elástico ainda tem partes coerentes que formam uma dobra, de modo que não se separam em partes de partes, mas sim se dividem até o infinito em dobras cada vez menores, que conservam sempre uma coesão. Assim, o labirinto do contínuo não é uma linha que dissociaria em pontos independentes, como a areia fluida em grãos, mas sim é como um tecido ou uma folha de papel que se divide em dobras até o infinito ou se decompõe em movimentos curvos, cada um dos quais está determinado pelo entorno consistente ou conspirante. Sempre existe uma dobra na dobra, como também uma caverna na caverna. A

¹⁰ Em *A dobra do poder*, um curto artigo online (s/ data) no *Dossiê Gilles Deleuze & Félix Guattari*, H. Antoun evidencia o quanto *Deleuze trava em cada uma delas [partes do livro] um mesmo combate contra as máscaras da atualidade, que escondem a dialética da dominação*. O texto de C. Paiva (2001) é igualmente um suporte interessante para introduzir ao tema.

unidade da matéria, o menor elemento do labirinto é a dobra, não o ponto, que nunca é uma parte, e sim uma simples extremidade da linha”.

Dobrar-desdobrar implica também o *envolver-desenvolver*, o *involuir-evoluir*. Na dobra, há necessariamente forças em *inflexão* e *inclusão*. O importante a reter disso, por ora, é que: 1) no mundo social, assim como no mundo físico e dos viventes em geral, existem corpos com poder de afetação (*uma força é afetada por outras ou afeta outras*); 2) na medida em que passamos de uma visão dualista para a de *multiplicidade em afetação* (*multidão* – e não massa – com potencial de constituir novas dobras), podemos conectar com o potencial emergente do novo.

Antoun (*op. cit.*) menciona com propriedade que Deleuze, com sua problematização de dobra, introduziu uma *questão de ética de atualidade*. Nela pautados, seguimos em nossa indagação: Por que somente insistir analiticamente nas “vias sem saídas”, nos enclausuramentos, nas faltas e negligências? Sem perder de vista o “vampirismo” (PELBART, 2003)¹¹ relativo ao atual poder, nesta *sociedade de controle* (DELEUZE, 1992; HARDT; 2005) cujos mecanismos e instrumentos tornam-se cada vez mais penetrantes pela intervenção tecnológica, concentramos em pesquisar determinadas dinâmicas culturais (sobretudo aquelas com conotações políticas, isto é, *micropolíticas*¹²) de coletivos jovens, grupos ou grupelhos¹³ que se encontram em um movimento de deslocamento cognitivo e de abertura conceitual da vida. Seguimos com essa hipótese tendo como fundamento empírico uma pesquisa em torno de dinâmicas coletivas que, de certo modo, têm apresentado um diagrama de fluxos onde se insinua uma *política da vida* no cotidiano da pobreza de jovens da periferia (este termo é esclarecido, mais abaixo). A pesquisa é relativa a um grupo de jovens num bairro periférico da cidade do Natal-RN, com quem estivemos trabalhando até recentemente (de 2007 a 2012). No âmbito deste artigo não retomaremos em detalhes a trajetória percorrida por esse grupo e as relações que aí desenvolvemos em parceria no âmbito da pesquisa-

¹¹ Pelbart (2003, p.132) reflete bem esse questionamento com a seguinte questão: *em que medida a criação econômica, criação social (isto é, invenção de novas formas de associação e de sociabilidade), criação cultural (isto é, invenção de sentido, linguagens, valores etc.), criação subjetiva (isto é, individuação em processo) se conjugam e são vampirizados por dispositivos de expropriação e comando ou, ao contrário, instauram processos positivos e singularizantes, capazes de funcionar como resistência num contexto de homogeneização?*

¹² Precisamos estar atentos para não pensar que toda atitude extemporânea ou excêntrica denota a micropolítica. Esta noção é por demais rica e complexa que só se explica na medida em que a articulamos com outras noções da cartografia conceitual de Deleuze e Guattari, tal como minoria social e nomadismo.

¹³ Um termo de F. Guattari (1981) – artigo *Somos todos grupelhos*.

intervenção; foram várias as publicações que dedicamos nesse período considerado¹⁴.

Em resumo, podemos salientar:

1) Quando falamos de jovens parceiros do bairro dos Guarapes, Natal-RN, precisamos esclarecer que se trata singularmente de um “grupo-menor” ou “minoría” de jovens. *Minoría*, tanto no sentido quantitativo em se levando em conta o conjunto de jovens do bairro¹⁵, como no sentido deleuze-guattariano, o de se constituir em um grupo cujos movimentos são cadenciados pelo princípio da *desterritorialização*. Num dado momento de sua trajetória social, o grupo aderiu ao chamado movimento hip hop criando o GPS – *Grupo Periférico Suburbano* (1998); a partir disso, iniciando com intensidade seu ativismo cultural e político, o que os levou a obter reconhecimento e destaque não somente no âmbito de um fórum social local (Natal-RN) – o denominado Engenho de Sonhos (2001-2004) – e no interior do bairro de sua pertença, como também em certos espaços políticos da cidade; finalmente, o GPS ramificou-se de tal forma que a *Posse*¹⁶ (2003) emergiu “naturalmente”, possibilitando aos seus membros a assunção do “protagonismo juvenil” nos assuntos de sua “comunidade” (palavras entre aspas para indicar que se tratam de expressões dos próprios jovens);

2) Interessava-nos nesse coletivo jovem não só suas práticas culturais e artísticas (expressões dos quatro elementos do hip hop – MC, RAP, Break e Grafite), mas também suas atitudes políticas e sua inventividade na mobilização de jovens da localidade. Tinham as características de um grupo que se orientava para um *devoir-minoritário*¹⁷ (DELEUZE e GUATTARI, 1995), primeiramente, com

¹⁴ Remetemos para nossas publicações anteriores, onde desenvolvemos em diferentes edições, aspectos variados que concernem essa vida jovem na periferia e tentativas juvenis de saídas aos impasses sócio-historicamente impostos a essa população – N. Takeuti (2010a, 2010b, 2009, 2008) e N. Takeuti e M. A. Bezerra (2009).

¹⁵ Segundo IBGE (2011) é o bairro com o maior número de população jovem da capital potiguar.

¹⁶ *Associação Posse de Hip Hop Lelo Melodia*, reconhecida juridicamente em Novembro/ 2005, porém em funcionamento desde 2003. Congrega diversos grupos musicais do hip hop, bem como de outros gêneros musicais do bairro e do entorno deste. Ela foi criada com o objetivo de contribuir na reversão do “quadro de violência na comunidade” estimado alarmante pelos jovens fundadores, os quais tinham em mente que através do hip hop eles poderiam trazer uma nova “forma de conscientização social e de comunicação entre os jovens da periferia”. Mais amplamente, “a POSSE é uma associação comprometida não só com a juventude periférica, mas, sobretudo, com o fortalecimento dos diversos movimentos juvenis urbanos e rurais.” <http://www.violacao.org/geracoesjovens/expostas/325/posse-de-hip-hop-lelo-melodia>. Acesso em 01/11/2012.

¹⁷ *Devoir-minoritário* é uma saída das redundâncias dominantes (GUATTARI&ROLNIK, 1985). No que estamos observando, esses jovens ativistas do *hip hop* almejavam um *devoir-minoritário* na recusa do “ser marginalizado”.

visibilidade em seu próprio território de pertença e, em seguida, em outras partes da sociedade onde intentavam abrir “brechas” necessárias para a produção de uma subjetividade não mais capturada pelo princípio do *desvalor* humano;

3) À medida que as contradições de várias ordens vinham à tona e surgiam conflitos grupais, coletivos e comunitários, durante suas empreitadas no interior do bairro, eles revelavam também, ao lado das raivas, dores e inconformismos, uma vontade de produzir na e para “sua própria comunidade” outras formas de vida, de modo a superar a limitada condição social de vida, insistentemente segmentarizada em um território urbano precário. Precários sob os diversos aspectos: materiais e objetivos, mas também subjetivos e simbólicos, dificultando ou impedindo os seus habitantes de se suprirem necessária e desejavelmente para a produção de um espaço social que não mais consista aos olhos de toda a sociedade como um depósito de *homini sacer*¹⁸ (conforme AGAMBEN, 2004), isto é, de indivíduos cuja vida seria *indigna de ser vivida*. (TAKEUTI, 2009, p. 331).

Por essa via, ao invés de congelarmos o olhar nas “precariedades”, privilegamos um olhar atento aos “sinais de vida” que se expressavam em suas ações culturais (via grafite, música, dança ou produção de videoclipes), em seus “lances políticos” (participar de um fórum social, de encontros da juventude e outros eventos a caráter político na cidade e na região) e em suas táticas de associar-se com parceiros institucionais para concretização de determinadas ações sociais no bairro (por exemplo, a parceria com a Universidade). Ações e condutas *a priori* definidas, na sociedade (inclusive, na academia científica), como “sem perspectivas” na medida em que a iniciativa vinha de jovens “residuais” da sociedade. Contudo, continuamos insistindo sob outro olhar, colocando interpretações – tal como Guattari sugeria (1981), num breve texto *Gangues em Nova Iorque* – na perspectiva em que determinadas ações de jovens possam ser vistas como *experimentações sociais na marra*, onde se esboçam *novas modalidades de organização da subjetividade coletiva*. Lá onde eles atuam, propõe Guattari (1981, p. 46):

Podem-se ler os pontos de ruptura nas estruturas sociais e os esboços de problemática nova no campo da economia desejante coletiva. (...) Parte mais viva, a mais móvel das coletividades humanas nas suas tentativas de encontrar respostas às mudanças nas estruturas sociais e materiais.

Por que não abordar na ótica de que há chances de emergência de novos *fluxos de vida* brotando num território, desde sempre, considerado unicamente sob o prisma das pulsões de morte? Aposta que nós – os pesquisadores – tentamos

¹⁸ O que define a condição do *homo sacer* é o caráter particular da dupla exclusão em que se encontra preso e da violência à qual se encontra exposto (sua morte nem é homicídio, nem sacrifício). (AGAMBEN, 2004, p. 90).

manter, em meio a situações de frustração e decepção com um projeto de pesquisa-intervenção cujos resultados não se expressavam no ritmo requerido pela academia científica (o tempo subjetivo dos jovens nada tem a ver com o tempo objetivo de produção acadêmica).

Pelo nosso contato com os jovens da periferia natalense, fomos colhendo testemunhos do desejo de experimentação de outros *territórios subjetivos*; desejo esse que se manifestava, entre tombos e erguidas nas suas empreitadas. Se na perspectiva material, o território geográfico continua caracterizado pela insuficiência e precariedade em vários planos (os da habitação, saneamento básico, escolas, água e eletricidade, postos de saúde etc.), eles se moviam, sem cessar, para mudar o seu território subjetivo. Todos conseguiam esse intento? Evidentemente que não. Suportes sociais são necessários para concretizar sonhos individuais e coletivos. O que vale, porém, assinalar aqui é que essas tentativas são já esboços de outro processo de subjetivação cujo agenciamento não passa (tão só!) pelas raias das drogas, violências e crimes.

Trata-se de dinâmicas que, no mais das vezes, manifestam atitudes em inconformidade com as normas sociais gerais e que, geralmente, são vistas na sociedade como estranhas, incompreensíveis, transgressivas, desviantes, até mesmo, inaceitáveis em certos casos¹⁹. Movidos pela curiosidade, projetávamos nosso olhar também para fora do nosso grupo focal e seu gênero musical (hip hop) e focalizávamos outras atitudes experimentais²⁰ de ordem coletiva ou grupal.

¹⁹ Para PP, jovem ativista participante de nossa pesquisa-intervenção: “nem sempre os eventos promovidos pela galera jovem é bem vista na própria comunidade”.

²⁰ Rede Fora do Eixo (FdE) <http://foradoeixo.org.br> – até 2012, congregava 73 coletivos jovens de 112 cidades de quatro países da América Latina. A rede iniciou na produção musical para, em seguida, abrir o seu escopo para outras produções culturais (cineclube, teatro, dança, poesia e softwares livres). Produções que se dão em um registro que vai à contramão da lógica do mercado e em direção a uma “lógica subversiva”. Extrapolaram suas atividades para além da produção cultural: elaboração de projetos para captação de recursos e gestão, criação do Banco FdE (moeda própria), a Universidade FdE. In: <http://www.outraspalavras.net/2012/02/28/cultura-e-se-o-pos-capitalismo-estiver-comecando?>

São múltiplas as experimentações em curso. A título indicativo, citamos quatro sites: 1) <http://www.esteticasdaperiferia.org.br> (onde são, inclusive, indicadas teses e dissertações produzidas sobre a periferia); 2) http://prod_art_br.prosite.com (coletivo voltado para ação de co-criação artística; imersão no mundo contemporâneo, na sua velocidade e contínua transformação; movimento, experiência e processo; intercâmbios e parcerias, espalhadas pelo Brasil, Américas, Europa e Ásia; multiplicidade de caminhos e projetos); 3) <http://cooperifa.blogspot.com.br/> (arte e cultura da periferia de São Paulo); 4) <http://www.mollecular.org/> (“Mollecular organization studies the functioning of semio-capitalism and develops soft technologies of cooperation, tools for building the impossible communities of abstract work and its performers”).

Atitudes essas, por vezes, chamadas também de *ethos* que determinados jovens adotam e que não se encaixam nas expectativas sociais usuais, no “esperado normal”. Algumas chegam a se tornar práticas imanentes ao comportamento jovem, o qual adere àquilo que ele pensa ser uma identidade palatável de grupo (adoção de estilos: indumentária, gestos, maneiras de falar, gosto musical, gosto alimentar, por exemplo). Íamos cotejando, em vários territórios juvenis, experimentações de diversas ordens (mas sobretudo, em arte e cultura), mesmo que nem sempre os próprios sujeitos da experimentação soubessem onde iriam chegar (ou não!).

Com isso, estamos evidenciando uma maneira de os jovens se moverem, em determinados territórios da sociedade, sem que a mudança esperada passe necessariamente por uma militância institucionalizada via partidos, por exemplo, ou via deslocamentos geográficos (“sair do bairro ou da cidade para tentar outra vida”). Veremos, mais abaixo, que o nomadismo não implica necessariamente em mobilidade geográfica, como muitos dão a entender. No essencial, trata-se de “mudança de atitude” (esse termo atitude é muito evocado, em conversas ou em entrevistas, pelos jovens engajados do hip hop). Traduza-se por um *novo modo de subjetivação* (se tivermos como referência as reflexões de Foucault²¹) que possibilite aberturas cognitivas e afetivas, ou seja, novos modos de perceber, sentir, conhecer, pensar e fazer. Isso posto, pode-se começar a entender que o termo “periferia”, mais do que “condição geográfica”, indica antes de tudo, um processo de subjetivação que insiste em direções outras que aquelas impostas pela sociedade, ou melhor, pelos estratos que se pensam como dominantes; para, em seguida, indicar um deslocamento no modo de se pensar, como também de pensar seu território que finalmente se desterritorializa e leva os que aí se encontram a uma espécie de reterritorialização. O espaço nômade pode ir se constituindo pela contaminação, por certos lugares periféricos.

É o mote trazido pelos próprios jovens, a partir do seu agir no interior “de sua periferia”, que nos levou a aprofundar a reflexão que desemboca no tema do *nomadismo juvenil* na atualidade. Como já indicamos anteriormente, o entendimento das atitudes juvenis passa pela reflexão da sociedade capitalista, em seu momento de abalo profundo, a qual vem produzindo insegurança, medo e colapso, em várias partes do mundo, na cotidianidade de um significativo contingente de indivíduos, que se encontram num *cul-de-sac*, sem poder prefigurar-se, mesmo, num futuro imediato. O *impossível* (“vias sem saídas”) parece

²¹ Estamos norteados pelas abordagens de M. Foucault (1984) e, evidentemente, demais textos da década de 1980 (publicados em *Ditos e Escritos*). Remetemos, também, à obra deste último (1988) dedicada a Foucault, mais particularmente, o texto *As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação)*. O texto de Paiva (2001) é uma leitura elucidativa do encontro do pensamento desses dois autores no tema da subjetivação.

insidiosamente ocupar o espaço mental de pessoas comuns. Tal contexto vem explicar, em parte, as explosões que se manifestam aqui e acolá, para o bem e para o mal. Lembremos, apenas, com Deleuze e Guattari (já o comentamos, anteriormente), que é justamente da confrontação com o *impossível* que se podem abrir possibilidades de encontrar filões de inventividade social. A partir do conceito de nomadismo desses autores, empreendemos o esforço de tecer hipóteses sobre o modo possível dessa inventividade, que privilegie a reconexão da vida, da arte e da política; estas se encontram também, ao nível de sua definição social instituída, sob o crivo de questionamentos no momento atual.

O tema do nomadismo tem como referência fundamental dois textos: *Tratado de Nomadologia - a máquina de guerra* que se encontra no volume 5 de *Mil Platôs* (DELEUZE e GUATTARI, 1997) e *Pensamento Nômade* (DELEUZE, 2006). Nessa trilha conceitual, enveredamos por uma abordagem de nomadismo que nada tem a ver com a ideia de evasão, de nostalgia ou de busca de uma liberdade fantasiosa num “além melhor”. O nomadismo não diz respeito, em seu princípio, a um modo de deslocamento geográfico (isso não está na essência de sua natureza). Aliás, seria *falso*, dizem os autores de nossa referência, fornecer uma definição do nomadismo pelo *movimento*. Deleuze (2006, p. 327) esclarece:

O nômade não é forçosamente alguém que se movimentava: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes; ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos.

Estamos vendo que o nomadismo tem menos a ver com um modo de mobilidade física e mais com um modo de pensamento que se desloca em *linhas de fuga*, descodificando-se, para reinventar um *novo corpo*. Para o nômade não está em questão, como o é para o migrante, escapar de *um meio tornado amorfo ou ingrato*; seu desafio está em como não se deixar sobre-codificar num território segmentarizado por *linhas duras*, por isso mesmo seu “jogo” não está num alhures, não está em partir; ao contrário, ele *se agarra a esse espaço liso onde a floresta recua, onde a estepe ou o deserto crescem, e inventa o nomadismo como resposta a esse desafio*. (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 53).

Bem diferente de uma abordagem de nomadismo do senso comum ou mesmo acadêmico, tal qual a bastante citada obra de Maffesoli (1997) *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-moderna*. Para este autor, estaríamos vivendo a elogiada era do movimento, a do nomadismo. Hippies ou vagabundos, poetas, jovens sem referências, ou mesmo turistas apanhados nos circuitos das férias

programadas, o que importa, argumenta ele, é a “circulação” que voltou! (1997, pp. 24-25). Nesta abordagem, nomadismo associa-se à *pulsão de errância* e ao *hedonismo diário*. Dionísio contrapõe-se aos valores prometeicos de um *ativismo triunfante* (1997, p. 26). Os termos errante, nômade, vagabundo, anômico, migrante / viajante / bárbaro / estrangeiro / estranho / peregrino são senão as diferentes modulações de um mesmo fenômeno que se opõe ao sedentário / estabelecido / insular / gregário. Ao fenômeno do nomadismo contemporâneo, estariam associados os temas de desejo de evasão, nostalgia de um alhures, vitalismo que vêm expor a dimensão emocional e afetiva da sociedade. Das obras anteriores de M. Maffesoli, também conhecemos a proposta em se ler a sociedade e o ser humano como os que são também constituídos de *sombras*. Seduz-nos tal proposta. E, com o nomadismo integra-se a parte da sombra da sociedade e do homem. Porém, tal abordagem ainda termina nos repondo ao confortante registro dual. Resumidamente, o autor finda por nos oferecer um cenário social de dualismo intransponível: *indivíduos frágeis* situados em *territórios porosos* se projetam para um *não-lugar mítico da utopia* ou *fantasmático de um além* (1997, p. 86).

Diferentemente disso, o teor nômade vai ser, por Deleuze e Guattari, apreendido na *ultrapassagem de dualidades*, à medida que eles se concentram em captar na sociedade o *fluxo turbilhonar*, associado a intensidades e velocidades. Turbilhonar, no sentido de dispersão não retilínea, de produções abertas que se abrem para espaços (*lisos*²²), os quais não seriam delimitados mesmo quando são localizados. Fazem uma clara distinção entre *velocidade* e *movimento* (1997, p. 40): o movimento podendo ser muito rápido e, nem por isso, caracterizar velocidade; esta pode ser muito lenta, ou mesmo imóvel, sendo, contudo, velocidade. O movimento é extensivo, a velocidade, intensiva. O movimento designa o caráter relativo de um corpo considerado como *uno*, e que vai de um ponto a outro; *a velocidade, ao contrário*, explicam os autores (1980, pp. 52-53), *constitui o caráter absoluto de um corpo cujas partes irredutíveis (átomos) ocupam ou preenchem um espaço liso, à maneira de um turbilhão*, podendo surgir num ponto qualquer.

A dupla de *Mil Platôs* pretendeu, sobretudo, chamar a atenção para a postura ou a uma maneira de pensar que se pode traçar pelas *linhas de fuga* no intento de contornar as *malhas do poder*²³. Compreende-se, então, que o nomadismo não é o movimento de escapar de uma *realidade porosa* (MAFFESOLI, 1997), mas

²² Conforme o capítulo O liso e o estriado, G. Deleuze e F. Guattari (1997).

²³ Não é fortuito de nossa parte apelar para o título de conferência, pronunciada por Foucault, em 1976, na UFBA-Brasil. O conteúdo expõe, com maestria, o funcionamento da maquinaria do poder e as forças que estão em jogo na relação entre o sujeito e o poder. A primeira parte da conferência foi publicada em 1981 e a segunda parte em 1982 (FOUCAULT, 1981-82) pela Revista *Barbárie*, e agora retomada na publicação brasileira da coletânea *Ditos e Escritos*. Acrescentem-se os já mencionados textos sobre a sociedade de controle de Deleuze (1992) e de Hardt (2005).

bem de se situar nas linhas de fuga, num espaço liso (ou *espaço de desterritorialização* que se caracteriza pela ramificação em direções diversas) de modo que a *reterritorialização* do nômade sobrevenha (DELEUZE e GUATTARI, 1980, p. 53): *o nômade se distribui num espaço liso, ele ocupa, habita, mantém esse espaço, e aí reside seu princípio territorial*. Alertas, contudo, à maquinaria do poder onde é constante a rearticulação de seus diversos dispositivos e mecanismos de controle, de modo a impedir a emergência das linhas de fuga ou absorver as forças contrárias (as da *resistência*). Daí a missão do Estado: *estriar o espaço sobre o qual reina, ou utilizar os espaços lisos como um meio de comunicação a serviço de um espaço estriado*. (1980, p. 59).

Se, de um lado, os autores mostram esse papel do Estado em seu empreendimento de captura de fluxos (bens materiais, por exemplo, mas principalmente fluxos vitais²⁴); de outro, eles nos conduzem a apreender os modos de resistência de outra maneira a que estamos habituados (enfrentamentos, lutas contra o poder). Nas relações de poder nem tudo entra em seu domínio (Foucault também muito frisou esse aspecto em sua tese da *microfísica do poder*). Há sempre algo que escapa ao poder, pelas brechas e fissuras de um pretensso sistema bem protegido (tal como na *Muralha da China*, de Kafka, quando os nômades achavam as lacunas da fortaleza para se infiltrar no centro do poderio). Por isso, o poder “resiste”, recompõe-se para bloquear o novo que surge²⁵. Deleuze e Guattari (1980, p.32) insistem em defender que:

(...) os corpos coletivos sempre têm franjas ou minorias que reconstituem equivalentes de máquina de guerra, sob formas por vezes muito inesperadas, em agenciamentos determinados tais como construir pontes, construir catedrais, ou então emitir juízos, ou compor música, instaurar uma ciência, uma técnica.

Então, a resistência dá-se de outra maneira. A bem dizer, no pensamento nômade, há um mapa das possibilidades de resistência e ela é compreendida enquanto fluxo desterritorializante que se realiza enquanto saberes, artes, técnicas ou outra produção do ser humano, onde haja uma espécie de torção que subverte

²⁴ Mais uma vez, podemos nos remeter à tese sobre a biopolítica, do poder sobre a vida, em M. Foucault. São diversos os textos (em sua coletânea *Ditos e Escritos*) e cursos no Collège de France onde o autor desenvolve o tema, mas podemos citar, mais especificamente, o último capítulo de *A vontade de saber. História da sexualidade 1* (1988) e o *Nascimento da Biopolítica* (2008).

²⁵ Foucault (1999) mostrou bem, em sua obra *Em Defesa da sociedade*, como o poder se rearticula para sufocar as microlutas ou ações da resistência. Também faz menção à *resistência criativa* no texto *Sujeito e Poder* (1995).

ou embaralha os códigos sociais e possivelmente liberando outras forças. Mas não deixemos de indagar, tal qual Foucault o fazia: Que novas forças estão sendo liberadas? Que “novos poderes” se reconfiguram e como? Justamente falar de resistência, atualmente, é falar também do poder de hoje, antes de tudo. Afinal, Foucault foi incansável em sua afirmação de que a resistência só existe lá onde existe o poder e vice-versa. Negri e Hardt (2004), fundamentados no pensamento de Foucault, argumentam que a sociedade contemporânea é atravessada pelo *paradoxo da pluralidade e da multiplicidade*. Isto é, se, de um lado, há absorção da sociedade pelo poder, de outro, há a explosão na sociedade civil daquilo que era previamente coordenado/mediado pelo poder ou Estado. Trata-se de resistências não mais marginais, mas ativas no centro de uma sociedade que se abre em rede. Potencial de insubordinação e revolta. Paradoxo porque *à medida que o poder unifica/envolve todos os elementos da vida social (perdendo com isso sua capacidade de mediar diferentes forças sociais), revela, nesse momento, um milieu de evento* (contexto ou ambiente de acontecimentos com impactos/efeitos afetando o devir dos sujeitos).(NEGRI e HARDT, 2014, p. 44). A esses autores, interessa-lhes mostrar a *dinâmica real de produção na sociedade biopolítica* (desdobrando o pensamento de Foucault) e, desta feita, pautados em Deleuze e Guattari. Nesta sociedade, a principal fonte de valor, hoje, estaria na *força-invenção* – valor este reconhecido além do âmbito da produção econômica; ele se encontra “em todos os lugares”, lá onde a vida flui, mas também, lá onde se retira a vida. Para o nosso propósito, neste artigo, reteremos o essencial dessa tese, qual seja, lá onde a biopolítica pode “inverter-se” em uma *biopotência* (da multidão)²⁶.

Pensem a partir do nosso campo empírico: pelas experiências de conexão (em redes locais, regionais, nacionais e internacionais) e de *desterritorialização* (linguagem, pensamento, atitudes e práticas já não são mais os mesmos de antes), os jovens aprendem que podem inventar alternativas para a sua vida. São tantos os múltiplos (coletivos) que vêm lhes inspirar com seus experimentos, principalmente no domínio da arte e cultura, e da política. Experimentações que se desdobram a partir do desejo de engendramento de um *devir*, fora de *agenciamentos* sociais que, até então, confinaram suas existências em estreitos territórios físicos e subjetivos (a *Rede Fora do Eixo*, antes citada, é bem um exemplo desse desejo manifesto). Finalmente, pensamos, sem grandes pretensões, que podemos encarar as experimentações juvenis (que se revelam a simples vista, principalmente, em platôs da arte e cultura) como alguns “pontos de disparo”, em determinados vetores de produção do sistema social, com significativo *poder de afetação*.

²⁶ Sobre essa questão, já citamos o site da Associação Multitudes (<http://multitudes.samizdat.net>), como um dos espaços de debate interessante.

No âmbito da pesquisa, o que mais importa, seguindo a sugestão de Deleuze (1988), é estarmos atentos para captar a qualidade das *linhas de força* que podem estar se manifestando em atitudes e processos grupais ou coletivos, mesmo se à primeira vista pareçam apenas bizarros ou anódinos. Afinal, como dizia Foucault (1984, p. 13), pensar e perceber diferentemente do que se pensa e se vê é *indispensável para continuar a olhar ou a refletir*.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- ALLIEZ, E. et AL. (2000). *Le pouvoir et la résistance* (Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/Le-pouvoir-et-la-resistance>, postado março/2000 – acesso julho/2012)
- ALMEIDA & PAIS (orgs.) (2012). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ANTOUN, H. As dobras do poder. In: Dossiê Gilles Deleuze & Félix Guattari (Disponível em: http://www.dossie_deleuze.blogger.com.br/)
- CHOMSKY, N. (2011). *Occupy The Future*. (Disponível em: http://inthesetimes.com/article/12206/occupy_the_future/)
- DELEUZE, G. (1988). As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação). In: *Foucault*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- _____. (1991). *A Dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas: Papirus.
- _____. (1992) Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (2006). Pensamento nômade. In: *A ilha deserta (pp.331-343)*. São Paulo: Iluminuras.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1995). *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia Vol.1, 2, 3, 4 e 5* (ed. original: 1980). São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1997). Tratado de nomadologia: A máquina de guerra. In: *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia Vol.5*. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1997). O liso e o estriado. In: *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia Vol.5*. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1978). *Kafka - Por una literatura menor*. Mexico: Ediciones Era.
- DOWBOR L.; ABRAMOVAY, R. (2012). Primaveras: diálogos para outra democracia. In: <http://www.outraspalavras.net/2012/10/24/primaveras-para-que-outra-democracia-continue-a-despontar/>
- FOUCAULT, M. (1999). *Em Defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.

- _____. (1981-1982). *As Malhas do Poder*. In: Barbárie, n. 4-5, UFBA, 1981-1982.
- _____. (1984). *História da sexualidade 2. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1988). *História da sexualidade 1. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1995). O sujeito e o Poder [1982]. In: H. Dreyfus & P. Rabinow (Orgs.), *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2008). *Nascimento da biopolítica. Curso no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- GUATTARI, F. (1981). Gangues em Nova Iorque. In: *Félix Guattari. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*, S. Rolnik (org.). São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1981). Somos todos grupelhos. In: *Félix Guattari. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*, S. Rolnik (org.). São Paulo: Brasiliense.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. (1985). *Micropolítica – Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- HARDT, M. (2005). La sociedad mundial de control. In: *EUPHORION, N.º. Especial Virtual 1, Jul.-Dez.*, Medellín – Colombia.
- HARVEY, D.; TELES, E.; SADER, E.; et AL. (2012). *Occupy. Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo Editorial: Carta Maior.
- MAFFESOLI, M. (1997). *Du nomadisme: vagabondages initiatiques*. Paris: Librairie Générale Française.
- PAIVA, A. C. (2001). Política da dobra de si: ou Foucault deleuziano. In: *Nietzsche e Deleuze - Pensamento nômade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- PELBART, P. P. (2003). *Vida Capital. Ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras.
- TAKEUTI, N. M. (2010a). Corpos em movimento no hip hop e devir jovem. In: *Práticas de formação, memória e pesquisa (auto) biográfica*, V. L. GASPAR DA SILVA e J. L. da CUNHA (Orgs.), pp. 75-92. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- _____. (2010b). Refazendo a margem pela arte e política. In: *Revista Nômadias*, n.º. 32, pp. 13-25, abril. Bogotá: Instituto de Estudos Sociais Contemporâneos – Universidad Central.
- _____. (2009). Movimentos culturais juvenis nas “periferias” e inventividades sociais. In: *América Latina e Brasil em perspectiva*, P. H. MARTINS e R. de S. MEDEIROS (Orgs.), pp. 331-350. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- _____. (2008). Saberes em construção: coletivo jovem em formação na sua resistência social. In: *(Auto) biografia: formação, territórios e saberes*, M. da C. PASSEGGI e E. C. de SOUZA (Orgs.), pp. 203-221. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus.
- TAKEUTI, N. M. e BEZERRA, M. A. (2009). Trajetórias de um coletivo jovem: nem só de prática-Gramática da Ira. In: *Reinvenções do sujeito social – teorias e práticas biográficas*, N. M. TAKEUTI e C. NIEWIADOMSKI (Orgs.), pp. 105-125. Porto Alegre: Sulinas.

ZIZEK, S. (2012). *O ano em que sonhamos perigosamente*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

Sites consultados:

IBGE

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2011>

Outras Palavras

<http://www.outraspalavras.net/2012/02/28/cultura-e-se-o-pos-capitalismo-estiver-comecando?>

Associação multitudes

<http://multitudes.samizdat.net/>

PROD.ART.BR

http://prod_art_br.prosite.com/20786/about

Posse Associação Hip Hop Lelo Melodia

<http://www.violacao.org/geracoesjovens/expostas/325/posse-de-hip-hop-lelo-melodia>.

Rede Fora do Eixo (FdE)

<http://foradoeixo.org.br>